

LINGUAGENS E CULTURAS INFANTIS EM PAUTA

Aldecilene Cerqueira Barreto¹
Ingrid Dittrich Wiggers²
Juliana de Oliveira Freire³

RESUMO

A obra “Linguagens e culturas infantis”, de Adriana Friedmann, aborda o mundo infantil, valorizando a leitura e interpretação da voz das próprias crianças. Adriana Friedmann é formada em Pedagogia, Mestre em Educação e Doutora em Antropologia. Publicou diversos livros e coordena programas e ações voltados à infância, adolescência e juventude no Brasil. O livro discute um tema relevante para educadores e pesquisadores da infância, pois apresenta caminhos para compreensão das linguagens e expressões infantis. Propõe um novo olhar sobre as crianças no campo educacional, para possibilitar o atendimento das suas necessidades e potencialidades, por meio das suas variadas linguagens e, dessa forma, superar desafios da educação da infância na atualidade. Estimula o diálogo entre a antropologia e a educação sobre questões relacionadas à natureza e cultura. Essa é uma obra interessante para professores e pesquisadores do campo da infância, pois desperta a sensibilidade para a escuta e o respeito diante das vozes infantis marcadas pela diversidade cultural e de símbolos.

Palavras-chave: Linguagem Infantil; Cultura Infantil; Infância

- 1 Doutoranda em Educação Física. Universidade de Brasília (UnB). Brasília/Distrito Federal, Brasil.
E-mail: aldecilene@hotmail.com
- 2 Doutora em Educação. Professora da Universidade de Brasília (UnB). Brasília/Distrito Federal, Brasil.
E-mail: ingridwiggers@gmail.com
- 3 Mestranda em Educação Física. Universidade de Brasília (UnB). Brasília/Distrito Federal, Brasil.
E-mail: juliana2609@gmail.com

INTRODUÇÃO

Linguagens e culturas infantis é um livro da conceituada pesquisadora do campo de estudos da infância, Adriana Friedmann. A autora é Pedagoga, Mestre em Educação e Doutora em Antropologia. Atualmente, coordena diversos programas e ações voltados à infância, adolescência e juventude no Brasil, tais como: Mapa da Infância Brasileira, Núcleo de Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento, e Aliança pela Infância; além de implementar espaços lúdicos, elaborar materiais didáticos e marcos conceituais. É produtora de eventos de formação e campanhas de mobilização sobre o brincar, a infância, linguagens expressivas, espaços lúdicos. Também é autora de outros livros relacionados à criança e ao brincar. Nesta obra, Friedmann apresenta uma visão sobre o mundo infantil e faz o leitor penetrar no universo da linguagem e cultura das crianças, por meio do exercício da leitura e interpretação de suas vozes. Desse modo, chama atenção para a importância de estarmos atentos às vozes das crianças, por meio de suas expressões, que se manifestam em diversas formas de linguagem. Aborda a infância a partir dos acontecimentos que mais marcaram sua experiência com crianças e educadores. Aponta caminhos para que o leitor escute, observe e faça uma leitura do universo infantil, a partir da compreensão das mensagens das crianças. Ao discutir suas linguagens expressivas, propõe um novo olhar sobre as crianças no campo educacional, para possibilitar o atendimento das suas necessidades e potencialidades, por meio das suas variadas linguagens e, dessa forma, superar desafios da educação da infância na atualidade.

A infância nesse livro é vista como um tempo de vivências repleto de sensações, sabores, cores e brincadeiras. Porém, é interessante destacar que a infância não está sendo vivida de forma plena e saudável como se idealiza. A partir dessa compreensão pode-se pensar na forma como as crianças estão sendo interpretadas. Será que os adultos estão percebendo a infância e entendendo a criança conforme a realidade vivida hoje? E, será que as propostas educacionais atendem às mudanças da atualidade voltadas às crianças? Essas são importantes questões que despertam a reflexão do leitor quanto à necessidade de olhar a infância conforme a realidade que a cerca.

A obra traz uma abordagem socioantropológica, porque trata das significações que as crianças atribuem aos seus diversos hábitos de vida, considerando comportamentos, representações e contextos de naturezas múltiplas. Considera que esse paradigma é menos rígido que os anteriores e que é o mais “adequado” para dialogar com a educação para ampliar o olhar desta sobre as crianças. Nessa perspectiva, a autora pensa a infância de maneira interdisciplinar e expõe um referencial teórico pautado nas disciplinas das Ciências Humanas: antropologia, história, sociologia e educação. Acredita que essas disciplinas devem estar fundamentadas na psicologia e na medicina (Ciências Naturais), além de outras áreas das Ciências Humanas, pois essas áreas nos ajudam a entender essa fase da vida. Apesar do caráter interdisciplinar, a autora se ancora em base epistemológica da antropologia. Isto pode ser evidenciado na metodologia constituída nos trabalhos relatados na obra, como: fotografias, filmes, desenhos, pinturas, narrativas e entrevistas.

Ressalta-se a relação natureza e cultura como condição de toda vida humana, mesmo que não sejamos capazes de compreender. Essa associação não é uma relação de causa e efeito, mas ambas são importantes na interpretação do comportamento das crianças. Logo, Friedmann considera que os estudos da infância devem ultrapassar o dualismo natureza-cultura. De acordo com nosso entendimento, a compreensão proposta pela autora advém da análise de uma hegemonia epistêmica voltada a uma concepção dualista na observação dos fenômenos. Tal noção pode impor limites significativos no âmbito da educação, tanto na pesquisa quanto na intervenção.

Outro ponto importante destacado na obra é a influência da mídia e do mercado na construção dos conceitos sobre a infância. As crianças estão sujeitas à influência dos meios de comunicação de massa e enfrentam o desafio de como lidar com a diversidade de reconfigurações pelas quais passam as famílias. Conforme a análise da autora faz-se necessário, portanto, um reencontro do “ser criança”, pois é na infância que a criança carrega o sentido de toda uma existência.

A obra divide-se em seis capítulos. Em cada um deles, a autora partilha narrativas infantis, a partir de diferentes modos de expressão. As narrativas apresentadas pelas crianças por meio das expressões verbais e das histórias contadas; do corpo em movimento; das brincadeiras; dos desenhos; da arte, incitam aos leitores a escutarem mais atentamente as crianças. Interessante destacar que a obra desperta reflexões relacionadas às necessidades e interesses da criança. A partir desse livro, que revela realidades das vidas infantis podemos repensar programas, ações e espaços voltados às crianças.

No capítulo I, Friedmann enfoca as brincadeiras e os jogos valendo-se do termo “brincades”, por ela criado, para referir-se à pluralidade do brincar, que representa uma das formas de comunicação das crianças. A autora faz um recorte da cena do documentário “Tempos de Brincar”, buscando situar e contextualizar as brincadeiras nos grupos infantis. Apresenta nesta cena o Jogo dos ossinhos, a partir do qual pode ser analisado o comportamento das crianças. Utiliza também relatos de crianças em outros contextos e, especialmente, lembranças pessoais de sua existência como método para descrever com detalhes a brincadeira observada, buscando aprofundar-se em sua essência. Assim, pode-se dizer que a obra leva o leitor a refletir sobre a comunicação do brincar e da imaginação. Para a autora, na brincadeira se encontra uma das possíveis origens de construção do ser humano: suas linguagens. Essas representam formas de comunicar-se, permeadas de significados, de expressões, de ideias, de conceitos, de emoções ou de objetos que podem adquirir formas concretas (poemas, pinturas...) ou abstratas (movimentos, expressões corporais, brincadeiras...). Classifica esses dois tipos de formas como imagens internas, que provém do interior da criança; e imagens externas, quando expressas por intermédio da arte, do movimento, do gesto, da brincadeira, da escrita e da palavra. Chama atenção do leitor quanto ao desafio de compreender e apreender as mensagens transmitidas através das diversas brincadeiras e aponta que uma das formas de comunicação é por meio da expressão facial e das posturas. Adriana Friedmann retoma Ivan Ivic, que apresenta a comunicação pré-verbal, caracterizada pela expressão dos estados afetivos da criança, bem como George Mead, que revela outra forma de comunicação, expressa pela “conversação

de gestos”, durante as brincadeiras. Destaca o jogo simbólico como expressão da criança criada no processo de interação com o outro. A partir da brincadeira as crianças revelam suas histórias interiores e quando elas contam, desenham ou representam, depois da brincadeira ter acontecido, é o momento de síntese em que se utilizam de outras expressões. A experiência da autora com o brincar revela que na narrativa lúdica há possibilidade de existir rituais, tempos, segredos, regras, concentração e papéis.

No capítulo II, Friedmann descreve brincadeiras narradas por crianças entre 6 e 12 anos de idade, de diversas regiões do Brasil, extraídas da pesquisa o “Mapa do brincar”, realizada em 2009. Nas brincadeiras as crianças criam seu próprio repertório e vocabulário, mostrando os traços de sua multiculturalidade, através da incorporação de elementos de outras culturas, de outras línguas e ainda da tecnologia. A autora destaca que o “Mapa do brincar” tornou-se patrimônio das nossas culturas infantis, constituindo-se um documento vivo em permanente transformação. Chama atenção para o desafio de realizar a leitura do mapa, no sentido de compreendê-lo não somente de forma literal, mas também oculta no que se refere à vida dos seus protagonistas. Nesse sentido, aponta a dificuldade em classificar e enquadrar as brincadeiras em categorias. Ressalta a importância de o adulto atentar-se às brincadeiras das crianças e brincar junto com elas, a fim de entender a significação das brincadeiras e a cultura na qual as crianças estão inseridas. Para isso é necessário um olhar sensível a fim de se compreender a complexidade das manifestações infantis. Os relatos apresentados pelas crianças sobre as brincadeiras apresentam reflexões quanto ao sentido e significado de cada uma delas. Ao longo do capítulo, a autora discute o termo cultura infantil e se apoia em Edgar Morin para refletir sobre a ideia de cultura, assim como recorre à Clarice Cohn para descrever o processo de produção e reprodução cultural que ocorre na infância, considerado um sistema simbólico acionado pelos atores sociais a cada momento, para dar sentido às suas experiências. Segundo Friedmann, a cultura está sempre em transformação e mudança. O sistema simbólico representa o contexto cultural, o qual ela considera imprescindível para entender o lugar da criança. O conhecimento da criança acontece com a inserção do adulto em sua vivência, porém a compreensão do seu universo cultural é possível a partir dos seus diversos contextos socioculturais. A autora situa o termo “culturas infantis” como o mais adequado para abordar a cultura da infância, sem negar as particularidades socioculturais. Chama atenção para o cuidado de compreender que nem sempre as brincadeiras infantis constituem uma área cultural exclusivamente ocupada pelas crianças. Aponta a importância de observar e conhecer o contexto da brincadeira para adentrar no universo de cada criança. Outro conceito presente nessa obra é o de “fenômeno lúdico”. De acordo com Friedmann a ludicidade tem se apresentado como um caminho que permite à criança se expressar a partir de seus potenciais individuais, canalizar emoções e desenvolver habilidades. A partir desse conceito, são abordados os elementos das atividades lúdicas como concretos (necessita de orientação mínima para a brincadeira acontecer) e abstratos (características como ritmo, harmonia, mistérios, comportamentos...), bem como as possibilidades de entradas nos universos lúdicos.

No capítulo III, Friedmann propõe-se a discutir, no âmbito das Ciências Sociais, a existência e a legitimidade das culturas infantis. Chama atenção do leitor para investir em

pesquisas que conheçam e reconheçam os grupos infantis e suas culturas, uma vez que as crianças são criadoras de sua própria cultura, assim como ressignificam as culturas que herdaram. A autora cita Giorgio Agamben, que aborda a infância e a linguagem, por meio da imagem de um círculo. Segundo ela, traduzir uma língua é ler, compreender e transcrever pensamentos, sentimentos e ideias. A comunicação com as crianças na sua própria linguagem representa um desafio. A partir das falas das crianças, captadas por meio de concurso de desenhos e narrativas com a temática o que é ser criança, discute a ideia de que toda linguagem tem elementos constitutivos de um sistema: um vocabulário, regras gramaticas e sintáticas. Aponta a impossibilidade de conhecer a realidade das crianças para melhor interpretar os desenhos e relatos, o que consideramos ser essencial para compreender os sentidos e significados dos fenômenos para as crianças. Contudo, o objetivo da autora não foi fazer afirmações conclusivas, mas suscitar perguntas que conduzam a novos questionamentos, pois as crianças mesclam realidade, sonho, jogo e imaginação. Por fim, ressalta a infância pós-moderna como sendo a infância de consumo, que vive numa sociedade de consumidores e não de produtores. Critica a tecnologia e o consumismo exacerbado que leva ao encurtamento da infância, a precocidade em intervenções junto às crianças e a uma falta de respeito para com as crianças. Portanto, reafirma a necessidade e a urgência de buscarmos resgatar a essência da criança, ouvindo-as nas suas inquietações, necessidades e interesses. Sugere pesquisas que mostrem caminhos de observação e investigação das expressões verbais e não verbais espontâneas das crianças.

O capítulo IV expõe um trabalho cujo objetivo foi dar voz às crianças de diversas instituições, o projeto “As cores da paz pelas crianças do Brasil”. Destaca imagens representadas por expressões plásticas das crianças, presentes em pinturas individuais e coletivas, com a temática cultura de paz, enfocando a não violência, além de possibilidades de diálogo com os expectadores por meio dessas imagens. A leitura da imagem possibilita ao adulto adentrar no universo interior dos pintores. A palavra, o desenho, a expressão musical e a expressividade do corpo, representam ações do ser humano no mundo que revelam quem ele é. Para interpretar as pinturas, a autora se utiliza dos conceitos de imagem, imaginário e imaginação a partir de diversos filósofos, artistas e teóricos, além de sua interpretação. Vale destacar a necessidade de entender a significação das imagens a partir dos próprios autores: as crianças.

No capítulo V, as crianças expressam sua solidão. A solidão infantil é preenchida por amigos invisíveis. O faz de conta é um dos veículos em que as solidões são compartilhadas. A solidão é também o espaço de criação da criança. Friedmann adentra nas emoções infantis e na realidade atual de crianças, analisando suas imagens e falas que retratam os vários tipos de solidão. Trata das dificuldades e dos problemas enfrentados pelas crianças, tais como: abandono, carência, exclusão e *bullying*. Aborda questões sobre sensações e sentimentos das crianças, que faz o leitor refletir se está deixando as crianças serem elas mesmas, quando preenchem suas infâncias com atividades, matérias e ocupações. É relevante destacar a ênfase dada pela autora quanto à preocupação com os problemas sociais confrontados pelas crianças e o compromisso social e moral que devemos ter no exercício da nossa profissão.

No capítulo VI a autora propõe observar os olhares das crianças, completando o círculo imaginário presente na obra. Situa a criança como um microcosmo que interage com outras crianças e que se encontra em processos permanentes de trocas. Retoma autores que inspiraram as reflexões do livro, quais sejam, Carl Jung, Edgar Morin e Luc Bigé. Todos esses autores apresentam uma perspectiva circular, ou seja, uma forma de ver a criança como um ser humano dotado de valores e sentimentos, os quais interagem em processos circulares. Estabelece um diálogo com o leitor sugerindo estratégias para observar e ouvir crianças, desenvolver pesquisas e repensar novas perspectivas junto a elas. Finalmente, a autora reconhece que há diversas pesquisas voltadas às interpretações do universo infantil, mas que ainda assim temos nos distanciando das crianças. Com muito cuidado, evitando generalizações, assinala que os educadores tendem a abordar as crianças com verdades já prontas, não vislumbrando possibilidades de ouvir, olhar, observar e ver o que acontece com elas. Indica ainda a importância do autodesenvolvimento dos educadores, no sentido de ouvir as próprias vozes, para poder ouvir, olhar, ver e compreender as vozes das crianças e adentrar em seus mundos.

Ao longo da obra, Friedmann circula por diversas experiências que se tecem pelos sentimentos, emoções e impressões das crianças. Nos brincares - propõe observar as brincadeiras infantis; nas culturas lúdicas - apresenta as brincadeiras de hoje; nos dizeres - ouve as crianças e adentra nos seus universos; nas imagens - traz o desafio de ver e contemplar; nas expressões - sugere ao leitor, refletir sobre a percepção e a sensação das emoções; e nos olhares - chama atenção para a necessidade de desenvolver pesquisas ouvindo vozes de crianças. Portanto, o livro "Linguagens e culturas infantis" propõe uma reflexão sobre a infância contemporânea, na qual a criança de hoje não é aquela que idealizamos. Sugere ainda, uma aproximação multidisciplinar à infância e retoma Alan Prout, que discute a necessidade de se entender a infância a partir de uma abordagem interdisciplinar e por meio de um processo de pesquisa em perspectiva aberta. O diálogo interdisciplinar abordado ressalte-se, por fim, parte da aceitação dos biólogos de que a cultura constitui uma parte importante no processo de compreensão do ser humano.

Ao finalizar a leitura da obra, notou-se que Friedmann objetivou alertar os leitores para se pensar em propostas educacionais considerando as crianças de hoje. E esse propósito foi alcançado tendo em vista que a autora conduziu o leitor ao desafio de compreender o universo da infância de hoje. É possível também afirmar que esse livro apresentou caminhos expressivos em benefício da infância. Em conclusão, essa é uma obra interessante para professores e pesquisadores do campo da infância, pois desperta a sensibilidade para a escuta e o respeito diante das vozes infantis marcadas pela diversidade cultural e de símbolos.

REFERÊNCIAS

FRIEDMAN, Adriana. **Linguagens e Culturas Infantis**. São Paulo: Cortez, 2013.

LANGUAGES AND CULTURES CHILDREN'S AGENDA

ABSTRACT

The book "Children's languages and cultures," from Adriana Friedmann, discusses the children's world, valuing the reading and interpretation of the voice of the children themselves. Adriana Friedmann graduated in Education, Master in Education and Ph.D. in Anthropology. She has published several books and coordinates programs and actions aimed at childhood, adolescence and youth in Brazil. The book discusses a relevant topic for educators and childhood researchers; it presents ways of understanding the languages and children's expressions. It proposes a new look at the children in the educational field, to enable the fulfillment of their needs and capabilities, through its various languages and thus overcome childhood education challenges today. Encourages dialogue between anthropology and education on issues related to nature and culture. This is an interesting work for teachers and childhood field researchers because awakes the sensitivity to listen and respect in the face of children's voices marked by cultural diversity and symbols.

Keywords: Child Language; Children's Culture; Childhood

LENGUAS Y CULTURAS INFANTIL EN LA AGENDA

RESUMEN

La obra "Lenguas y culturas de los niños," Adriana Friedmann, aborda el mundo de los niños, valorando la lectura e interpretación de la voz de los propios niños. Adriana Friedmann se graduó en Educación, Maestría en Educación y Doctora en Antropología. Ha publicado varios libros y coordina los programas y acciones dirigidas a la infancia, la adolescencia y la juventud en Brasil. El libro trata de un tema relevante para los educadores e investigadores de la infancia, que presenta formas de entender las lenguas y expresiones de los niños. Se propone una nueva mirada a los niños en el campo de la educación, para permitir el cumplimiento de sus necesidades y capacidades, a través de sus diversos idiomas y así superar los desafíos de educación infantil en la actualidad. Alienta el diálogo entre la antropología y la educación en temas relacionados con la naturaleza y la cultura. Este es un trabajo interesante para los profesores e investigadores que estudian la infancia, porque despierta la sensibilidad para escuchar y respeto frente a la voz de los niños marcados por la diversidad cultural y los símbolos.

Palabras clave: Lenguaje Infantil; Cultura de los Niños; Infancia
